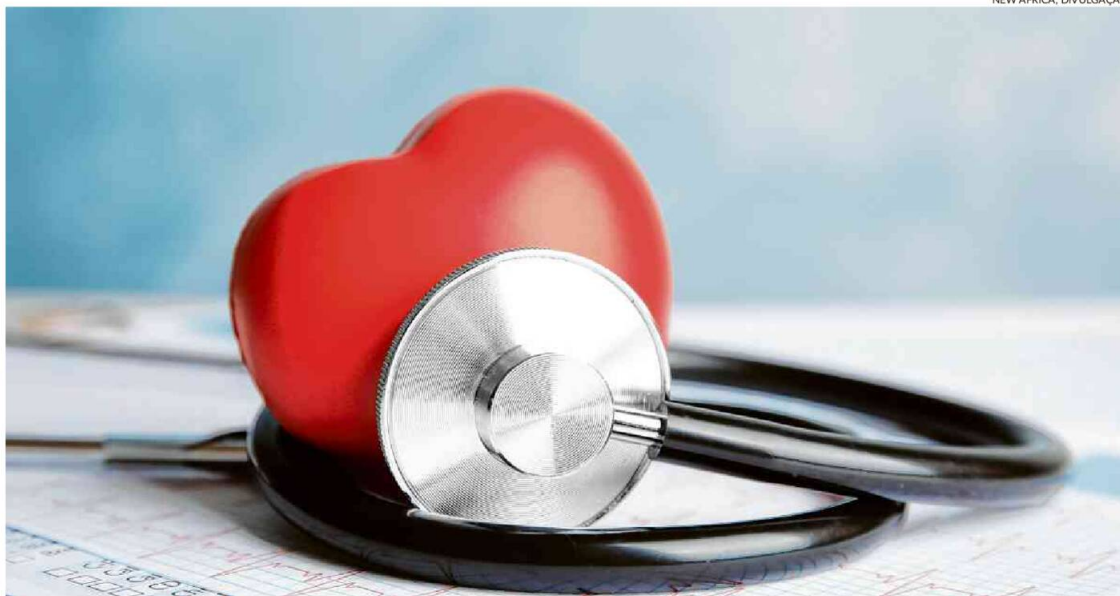


+ Saúde



NEW AFRICA, DIVULGAÇÃO

Doença cardiovascular permanece como a principal causa de morte entre pessoas com diabetes, especialmente do tipo 2

Relação do diabetes com o coração impõe desafios

Comorbidade acelera processos biológicos que podem causar problemas cardiovasculares e está associada a risco maior de insuficiência cardíaca

Balduino Tschiedel (*)

Nas últimas décadas, o avanço do conhecimento científico revelou uma realidade incontornável: o diabetes mellitus não é apenas uma doença metabólica caracterizada pelo aumento da glicose no sangue. Trata-se de uma condição sistêmica, capaz de afetar múltiplos órgãos e sistemas, com impacto profundo na saúde pública global.

Entre as complicações mais relevantes, estão as doenças cardiovasculares e renais. Dados consolidados em diretrizes da American Diabetes Association, da European Association for the Study of Diabetes, da International Diabetes Federation e da Sociedade Brasileira de Diabetes indicam que a doença cardiovascular permanece como a principal causa de morte entre pessoas com diabetes,

especialmente no tipo 2. Estima-se que cerca de metade dos óbitos nesse grupo esteja relacionada a complicações cardiovasculares, como infarto do miocárdio, acidente vascular cerebral e insuficiência cardíaca.

O diabetes acelera processos biológicos que favorecem o adocimento cardiovascular, como a aterosclerose acelerada, caracterizada pelo depósito de placas nas artérias, além de alterações metabólicas que afetam o músculo cardíaco e de um estado pró-trombótico que aumenta o risco de coágulos.

Nos últimos anos, outro fenômeno tem chamado a atenção da comunidade científica: o crescimento da insuficiência cardíaca entre pessoas com diabetes. Estudos epidemiológicos indicam que indivíduos diabéticos apresentam risco duas a quatro vezes maior de desenvolver essa condição. Em muitos casos, ela pode surgir mesmo sem doença

coronariana significativa, resultado de alterações estruturais e metabólicas no próprio músculo cardíaco, processo conhecido como cardiomiopatia diabética.

Mudança de paradigma

Esse cenário levou a uma mudança importante no paradigma terapêutico. Durante décadas, o tratamento concentrou-se quase exclusivamente no controle da glicemia. Hoje, a abordagem é mais ampla e integrada. As diretrizes internacionais passaram a enfatizar a chamada proteção cardiorrenal, que busca reduzir simultaneamente o risco cardiovascular e a progressão da doença renal.

Nesse contexto, novos medicamentos transformaram o manejo clínico. Fármacos como os inibidores do SGLT2 (as chamadas glicosinas) e os agonistas do receptor GLP-1 (conhecidas como canetas emagrecedoras) demonstraram, em grandes en-

saos clínicos internacionais, capacidade de reduzir eventos cardiovasculares e hospitalizações por insuficiência cardíaca. Essas evidências levaram sociedades médicas a recomendar seu uso prioritário em pacientes com risco cardiovascular elevado.

Outro avanço importante foi o reconhecimento de que nem todos os pacientes apresentam o mesmo grau de risco. As diretrizes mais recentes propõem uma estratificação individualizada, considerando fatores como duração da doença, presença de lesões em órgãos-alvo e histórico cardiovascular.

Apesar dos avanços científicos, o desafio permanece enorme. O número de pessoas com diabetes tipo 2 continua crescendo em todo o mundo, impulsionado pelo envelhecimento populacional, pela urbanização e por mudanças no estilo de vida.

Nesse cenário, iniciativas que integram ciência, educação em saúde e cuidado contínuo tornam-se essenciais. O Instituto da Criança com Diabetes (ICDRS), com sede em Porto Alegre há mais de 20 anos, acompanha milhares de crianças e jovens com diabetes tipo 1, e demonstra, na prática, o impacto desse modelo de cuidado. Ao longo de sua atuação, o instituto registra mais de 94% de redução nas internações hospitalares entre seus pacientes.

Daí também a importância do 1º Fórum de Diabetes, Doenças Cardiovasculares e Renais, organizado pela coalizão nacional Vozes do Advocacy, com apoio do Instituto, realizado em Porto Alegre e que reuniu pesquisadores, profissionais da saúde e representantes do poder público.

Mais do que uma questão médica, o enfrentamento do diabetes exige uma reflexão ética e social. Cuidar da saúde cardiovascular das pessoas com diabetes significa promover acesso equitativo a diagnóstico precoce, tratamento adequado e informação de qualidade.

O futuro da medicina, inclusive no diabetes, dependerá não apenas de novos medicamentos ou tecnologias, mas também da capacidade de integrar conhecimento científico, ética e comprometimento com a vida. —

(*) Mestre em Genética, médico endocrinologista do Grupo Hospitalar Conceição e diretor-presidente do Instituto da Criança com Diabetes do RS

Número de pessoas com diabetes tipo 2 continua crescendo no mundo todo

CONEXÃO DIGITAL
Aponte a câmera do celular para ler mais sobre diabetes

